

GUIA DE ALBATROZES E PETRÊIS PARA OBSERVAÇÃO DE CAMPO

Saiba como identificar as principais espécies
avistadas em águas brasileiras



Projeto
Albatroz
BRASIL

GUIA DE ALBATROZES E PETRÉIS PARA OBSERVAÇÃO DE CAMPO

Saiba como identificar as principais espécies
avistadas em águas brasileiras



Alma-de-mestre
Oceanites oceanicus



Expediente

TEXTO

Gabriel Canani, Juliana Vallim Gaiotto, Alice Pereira

REVISÃO

Juliana Justino, Beatriz Gago, Tatiana Neves

EDIÇÃO

Tatianne Fonseca

DESIGN GRÁFICO

Gustavo Antelmi

REALIZAÇÃO

Instituto Albatroz

Projeto Albatroz

Criado em Santos (SP), o Projeto Albatroz trabalha desde 1990 com o objetivo de reduzir a captura incidental de albatrozes e petréis na pesca de espinhel. Este trabalho é realizado através do desenvolvimento de pesquisas científicas, participação em políticas públicas e um amplo trabalho de educação ambiental com pescadores, crianças da primeira infância, jovens e público em geral.

Graças ao patrocínio da Petrobras por meio do programa Petrobras Socioambiental, o Projeto Albatroz vem ampliando sua atuação. Atualmente, além da base em Santos (SP), também opera nas cidades de Cabo Frio (RJ), Itajaí e Florianópolis (SC) e Rio Grande e Imbé (RS). Também conta com o apoio de instituições públicas, privadas, e do terceiro setor, nacionais e internacionais, de pesquisa, gestão e educação.

Albatrozes e petréis sofrem especialmente devido à poluição dos oceanos com lixo plástico e a interação com a pesca de espinhel pelágico - técnica de pesca industrial praticada em alto-mar para capturar peixes de grande porte como atuns, espadartes e tubarões. Ao tentarem comer as iscas lançadas ao mar, as aves ficam presas aos anzóis e são puxadas para dentro da água, onde morrem afogadas. Contudo, essa interação com a pesca pode ser evitada, pois estudos realizados comprovaram que o uso simultâneo de três medidas de mitigação pela embarcação reduz a chance de captura das aves.



Projeto
Albatroz
BRASIL

Patrocínio:



PETROBRAS

Sumário

Albatrozes e petréis.....	06
Espécies encontradas no Brasil	12
Albatroz-de-sobrancelha-negra	13
Albatroz-de-nariz-amarelo	15
Complexo Errante	16
Complexo Real	18
Pardela-preta.....	21
Pardela-de-óculos.....	23
Bobo-pequeno.....	25
Bobo-grande.....	27
Pardela-escura	29
Grazina-de-barriga-branca	31
Petréis gigantes.....	32
Alma-de-mestre.....	35
Pardela-de-trindade.....	36
Pardela-de-asa-larga.....	37
Outras aves.....	38
Checklist	40
Referências bibliográficas	41

Albatrozes e petréis

As aves marinhas são o grupo de aves mais ameaçado de extinção, com cerca de 110 (30%) das 359 espécies reconhecidas em algum nível de ameaça e outras 69 (11%) reconhecidas como “Quase Ameaçadas”. Estas aves passam a maior parte da vida pelo oceano aberto buscando alimento, voando sobre a água ou pousando nela. Albatrozes e petréis, por sua vez, visitam costas ou ilhas apenas para se reproduzir e cuidar do filhote.



Tubo nasal de petrel-gigante (Procellariidae)

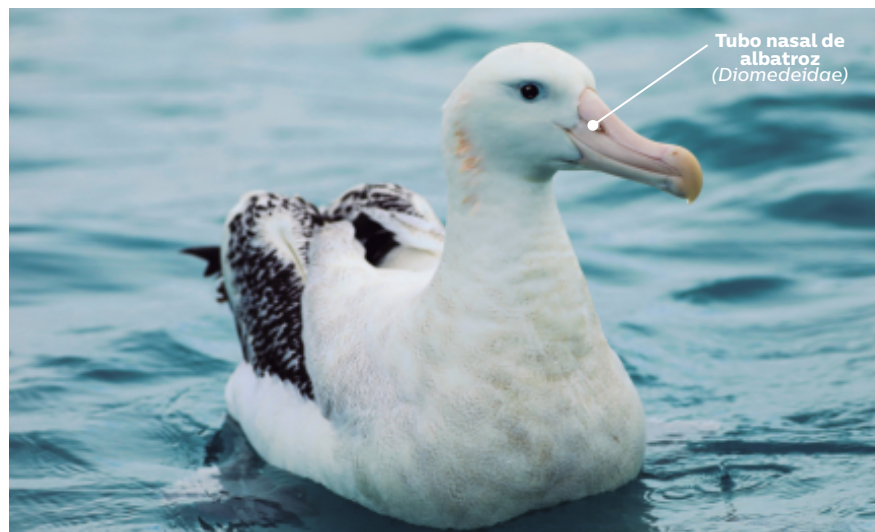
Os albatrozes e petréis são aves extremamente adaptadas à vida marinha oceânica, e pertencem ao grupo dos Procellariiformes. Esta ordem é caracterizada pelas narinas em forma de tubo, e seu nome vem do latim *procella*, que significa tempestade. Estas aves da tempestade ocorrem em todos os oceanos, e são divididas em 4 famílias:

• **Albatrozes**
Diomedidae

• **Petréis**
Procellariidae

• **Petréis-das-tormentas**
Hydrobatidae e Oceanitidae.

Estes grupos são diversos, e abrangem desde petréis de tempestade que podem pesar 20 gramas, e ter pouco mais de 30 centímetros entre as pontas das asas, até albatrozes gigantes do gênero *Diomedea* que chegam aos 11 kg e três metros e meio de envergadura. Têm estratégias de vida em comum, reproduzindo-se sempre na mesma ilha em que nasceram, e produzindo poucos filhotes. Estas características indicam uma baixa resistência a mudanças em seu ciclo de vida, e faz com que este seja um dos grupos de aves mais ameaçados de extinção.



Tubo nasal de albatroz (Diomedidae)

O grupo enfrenta diversas fontes de impactos negativos em suas populações, tanto em terra, em suas colônias, como destruição de habitat e introdução de espécies exóticas invasoras, quanto no mar, onde destacam-se a poluição e a captura incidental em pescarias.

Essas aves marinhas ocorrem em todos os oceanos, de águas costeiras até regiões oceânicas, e são consideradas um bom indicador de mudanças em ecossistemas marinhos e costeiros, bem como da influência de pescarias nestes ambientes.



Existem no mundo 22 espécies de albatrozes, sendo que 11 delas sobrevoam águas do Brasil ou interagem com a pesca brasileira. Os petréis, por sua vez, são classificados em 107 espécies, das quais pelo menos 35 ocorrem nos nossos mares, duas delas reproduzindo em ilhas brasileiras: a Graziña-de-trindade (*Pterodroma arminjoniana*) e a pardela-de-asa-larga (*Puffinus lherminieri*).

Diversidade de espécies de Procellariiformes, mostrando albatrozes, petréis e pardelas.
Foto: Gabriel Canani.

De onde vem os albatrozes?

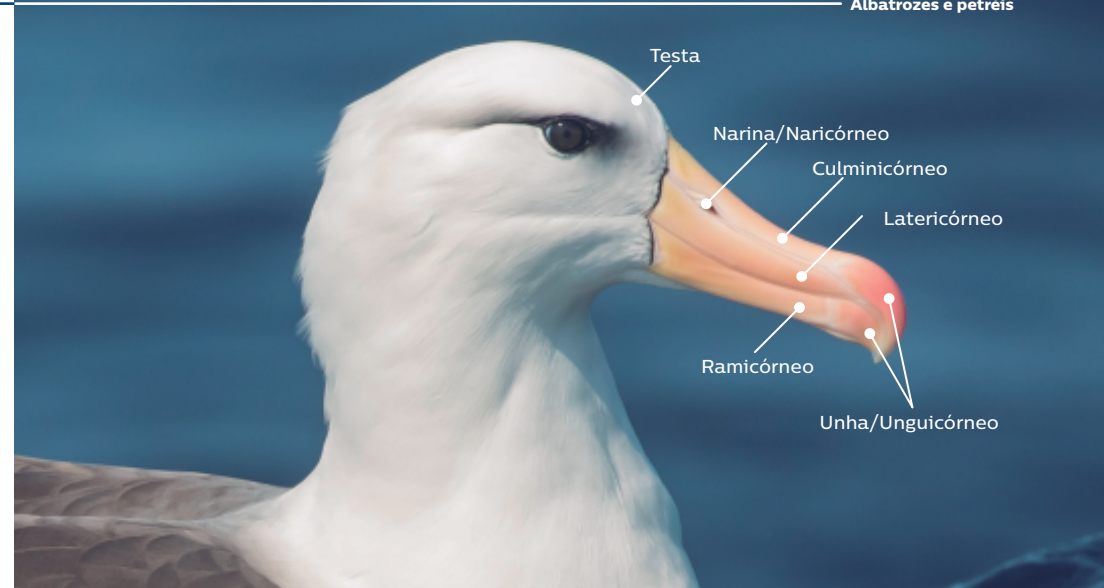
Albatrozes e petréis se reproduzem em diversas partes do mundo, em ilhas oceânicas e costeiras ou em áreas costeiras remotas.

Apenas duas espécies se reproduzem no Brasil, a grazina-de-trindade, que se reproduz no arquipélago de Trindade e Martim Vaz, e a pardela-de-asalarga que se reproduz em Fernando de Noronha.

Contudo, o país tem registros de 11 das 22 espécies de albatrozes e 35 das 123 espécies de petréis, o que representa 31% da diversidade de Procellariiformes do mundo. Essas aves se reproduzem principalmente em ilhas próximas da Antártica, como Ilhas Malvinas/Falkland e Geórgia do Sul, mas também em ilhas mais próximas de nós, como no arquipélago de Tristão da Cunha, no centro sul do oceano Atlântico. Ainda, algumas espécies que visitam as águas brasileiras vêm do hemisfério Norte, de ilhas do Reino Unido, ilhas Madeira, Canárias, entre outros.

As rotas migratórias dessas aves são muito complexas e as áreas de alimentação diversas. Para estudar a distribuição dessas aves, uma técnica muito comum é o anilhamento por meio de anéis metálicos (anilhas). A técnica utiliza anilhas com números de identificação e endereço para comunicação, funcionando como uma identidade para cada indivíduo, e é utilizada no mundo todo no estudo de distribuição e movimentação de aves.

Por meio das anilhas metálicas é possível ter acesso a informações como, local de nascimento, idade, sexo, se já teve filhotes e quantos, quem é o parceiro reprodutivo, e locais por onde já passou. Por isso, existem plataformas em que é possível reportar anilhas encontradas e, com isso, obter informações sobre determinada ave. Reportar anilhas encontradas é essencial para que os pesquisadores entendam os padrões de movimentação dessas aves e consequentemente possam propor medidas para conservação.



Adaptações biológicas

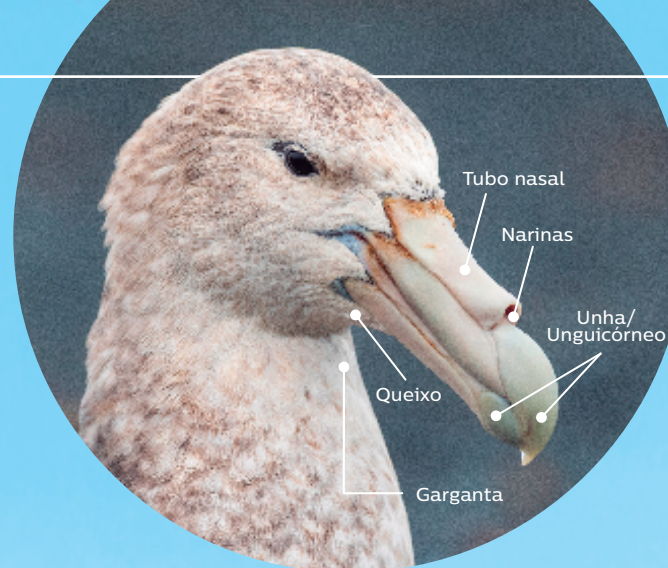
Dentre as características adaptativas estão as longas asas, que podem atingir até 3,5 metros de envergadura e que são fundamentais para seus longos deslocamentos. Esse formato alongado permite um voo com poucas batidas de asa, chamado planeio ascendente dinâmico, que usa dos ventos para uma grande economia de energia em suas viagens. Outra adaptação marcante é a presença de patas com membranas interdigitais, como a dos patos, que lhes permitem correr sobre a água para levantar voo quando estão pousados no mar.

Por estarem em constante contato com a água, os albatrozes, assim como outras aves aquáticas, possuem uma glândula uropigiana bem desenvolvida.

Essa glândula secreta um óleo capaz de impermeabilizar as penas e, por isso, é comum vê-los arrumando a plumagem com o bico e espalhando uma fina camada desse óleo sobre ela. Essa adaptação permite que as penas se mantenham secas e quentes, mesmo após mergulharem para buscar alimento, ou ainda, após uma tempestade em alto-mar.

Por fim, devido à ingestão de água do mar e alimentos ricos em sal marinho, como peixes e lulas, as aves marinhas possuem a glândula lacrimal modificada em uma estrutura que auxilia o rim na excreção do sal. Esse órgão é chamado de glândula de sal e está localizado no crânio. Ele ajuda a filtrar o sangue destes animais, removendo o excesso de sal do organismo e o expelindo através de canais localizados nas narinas.





Como Identificar Albatrozes e Petréis?

Aves procelarifórmes apresentam coloração discreta, ou seja, em tons de marrom, cinza, preto e branco. Possuem grande variação de tamanho, podendo ser pequenos, do tamanho de uma andorinha, como os alma-de-mestre, ou gigantes, como o albatroz-viageiro, que apresenta mais de 3 metros de ponta à ponta das asas.

Uma característica marcante dessas aves é o formato do bico, dividido em cinco placas, incluindo a ponta em forma de gancho. Essa adaptação permite capturar alimentos lisos, como peixes e lulas. Também apresentam narinas tubulares que podem estar fundidas e

posicionadas acima do bico (petréis), ou separadas e posicionadas uma de cada lado do bico (albatrozes). As narinas em formato tubular são característica exclusiva dos albatrozes e petréis. Portanto, uma boa dica para saber se uma ave marinha é um albatroz ou um petrel, é olhar o número de placas na lateral do bico e o formato das narinas.

Para identificar as espécies, por sua vez, pontos importantes da sua plumagem e tamanho, assim como a localidade e época de avistagem, podem ser a chave para uma identificação correta. Para aprender quais são esses pontos e essas características, use este guia como ponto de partida.

Albatrozes

Espécies encontradas no Brasil



Indivíduo jovem

Thalassarche melanophrys

Albatroz-de-sobrancelha-negra



QUASE AMEAÇADO

TAMANHO

Grande

CORPO

79 - 86 cm

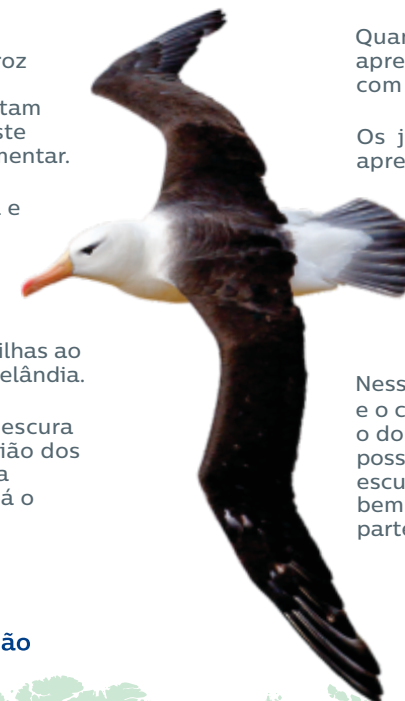
ENVERGADURA

205 - 230 cm

É a espécie mais abundante de albatroz no inverno, quando jovens e adultos visitam águas do sul e sudeste do Brasil para se alimentar.

Durante a primavera e o verão, entre os meses de setembro e abril, se reproduz em ilhas próximas da Antártica, como Malvinas/Falklands, ilhas ao sul do Chile e Nova Zelândia.

Possui uma mancha escura característica na região dos olhos, formando uma "sobrancelha", que dá o nome à espécie.

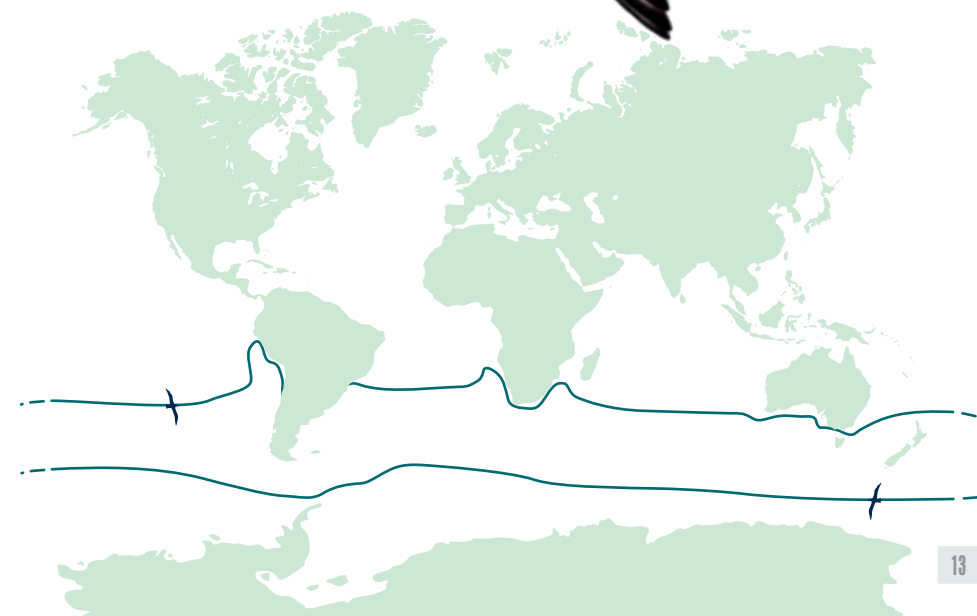


Quando adultos, apresentam bico laranja com a ponta rosada.

Os jovens e imaturos apresentam o mesmo tamanho dos adultos, porém o bico apresenta coloração amadeirada ou castanha, com a ponta escura.

Nessa espécie, a cabeça e o corpo são brancos, com o dorso preto, e as asas possuem a parte superior escura e uma barra escura bem desenvolvida na parte ventral.

Mapa de distribuição



Thalassarche chlororhynchos

Albatroz-de-nariz-amarelo

**TAMANHO**

Grande

CORPO

70 - 76 cm

ENVERGADURA

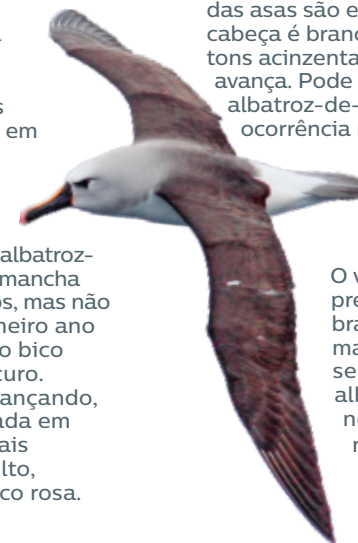
188 - 215 cm

É a menor espécie entre os albatrozes. Se reproduz principalmente em Tristão da Cunha, no centro-sul do Atlântico, onde são estimados cerca de 15 mil pares reprodutivos (Birdlife Datazone). Pela proximidade de suas colônias, estão presentes em águas brasileiras durante o ano todo.

Assim como o albatroz-de-sobrancelha-negra, o albatroz-de-nariz-amarelo possui mancha escura na região dos olhos, mas não tão proeminente. No primeiro ano de vida, o jovem possui o bico predominantemente escuro. Conforme a idade vai avançando, a faixa amarelo/alaranjada em cima do bico se torna mais evidente, e, quando adulto, apresenta a ponta do bico rosa.

Nessa espécie, o corpo é branco, podendo apresentar tons de cinza no pescoço, o dorso e a parte de cima das asas são escuros, enquanto a cabeça é branca e vai apresentando tons acinzentados conforme a idade avança. Pode ser confundido com o albatroz-de-cabeça-cinza, de ocorrência rara no Brasil, que embora apresente faixa amarela no topo do bico, também possui na mandíbula.

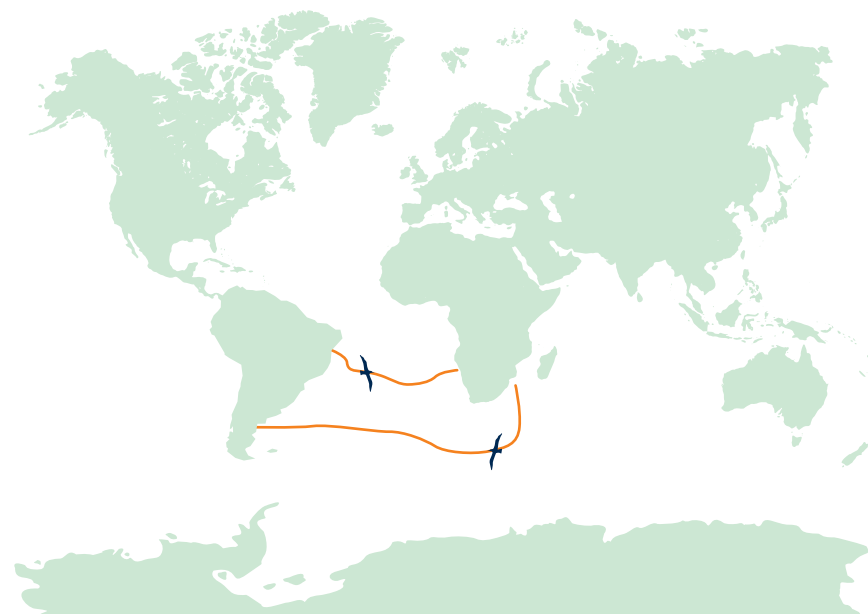
O ventre das asas é predominantemente branco, com uma fina margem preta, podendo ser diferenciado do albatroz-de-sobrancelha-negra, também comum no Brasil e que apresenta a margem preta bem desenvolvida.



Indivíduo jovem



Mapa de distribuição



Complexo Errante

No Brasil, ocorrem duas espécies de albatrozes do complexo errante. Esses albatrozes são gigantes e podem atingir até 3,5 metros de envergadura, sendo consideradas as maiores aves do mundo. Ambas as espécies que ocorrem no Brasil compartilham características físicas muito semelhantes, o que dificulta e até impossibilita sua identificação em alto mar, e, portanto, apresentamos as duas espécies juntas neste guia.

Diomedea exulans

Albatroz-viageiro

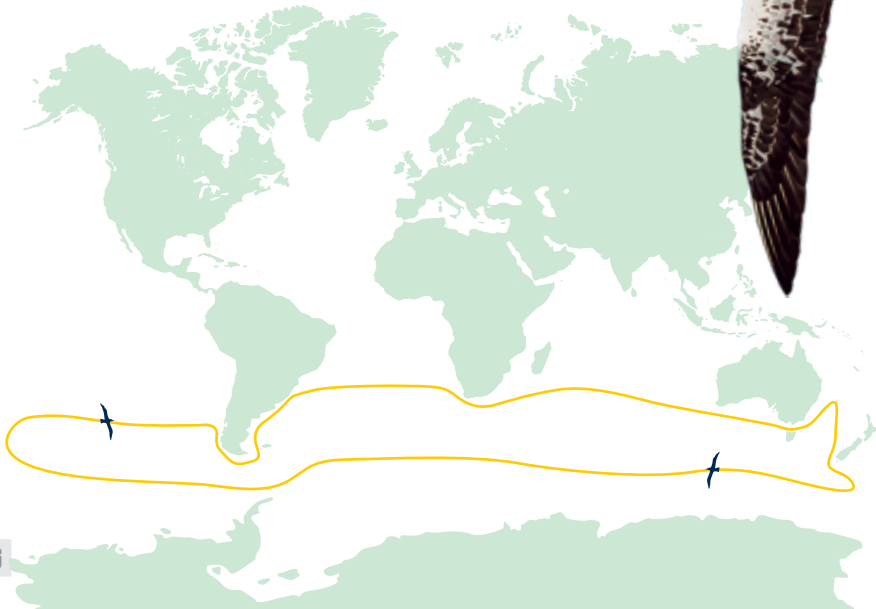


VULNERÁVEL

TAMANHO	CORPO	ENVERGADURA
Muito grande	115 - 122 cm	290 - 351 cm

O albatroz-viageiro (*Diomedea exulans*) é considerado "Vulnerável" e se reproduz principalmente nas ilhas subantárticas da Geórgias do Sul entre dezembro e janeiro, e sua população é estimada em cerca 20 mil indivíduos adultos (Howell & Zufelt, 2019).

Mapa de distribuição



Diomedea dabbenena

Albatroz-de-tristão



CRITICAMENTE AMEAÇADO

TAMANHO	CORPO	ENVERGADURA
Muito grande	110 - 117 cm	275 - 330 cm

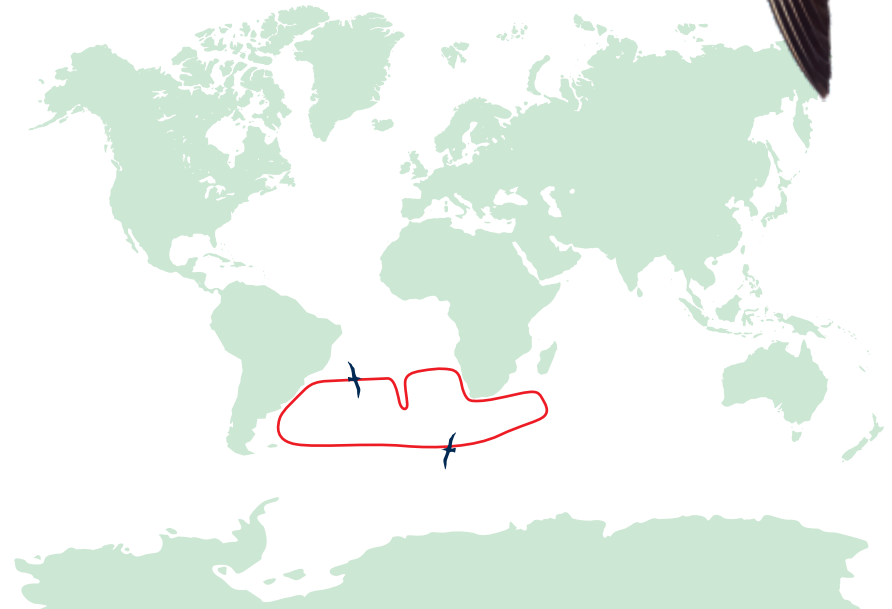
O albatroz-de-tristão (*Diomedea dabbenena*), é considerado "Criticamente Ameaçado", se reproduz na mesma época, porém nas ilhas Gough e Inacessível, onde sua população está estimada entre 3500 e 5000 adultos (Birdlife Datazone). Em alto mar, essas espécies são identificadas apenas em nível de gênero (*Diomedea* spp.), ou dentro do complexo errante (*Diomedea exulans/dabbenena*), uma vez que podem ser separadas do "Complexo Real". São caracterizadas por apresentarem bico robusto e rosado, corpo predominantemente branco, inclusive no dorso.

O dorso da asa é escuro com pontos brancos que vão aumentando conforme a idade, até atingirem a plumagem adulta, que apresenta predomínio de branco mas com as bordas e pontas das asas escuras. Os jovens apresentam tamanho similar ao adulto, porém com plumagem distinta, sendo o dorso e a cabeça marrons, branco ao redor dos olhos e no ventre das asas.



Indivíduo jovem

Mapa de distribuição



Complexo Real

Existem duas espécies de albatrozes que compõem o complexo real, o albatroz-real (*Diomedea epomophora*) e o albatroz-real-do-norte (*Diomedea sanfordi*).

Esses albatrozes são gigantes, assim como os albatrozes do Complexo Errante, contudo, suas características, ainda que similares, permitem a identificação a nível específico.

Diomedea epomophora

Albatroz-real

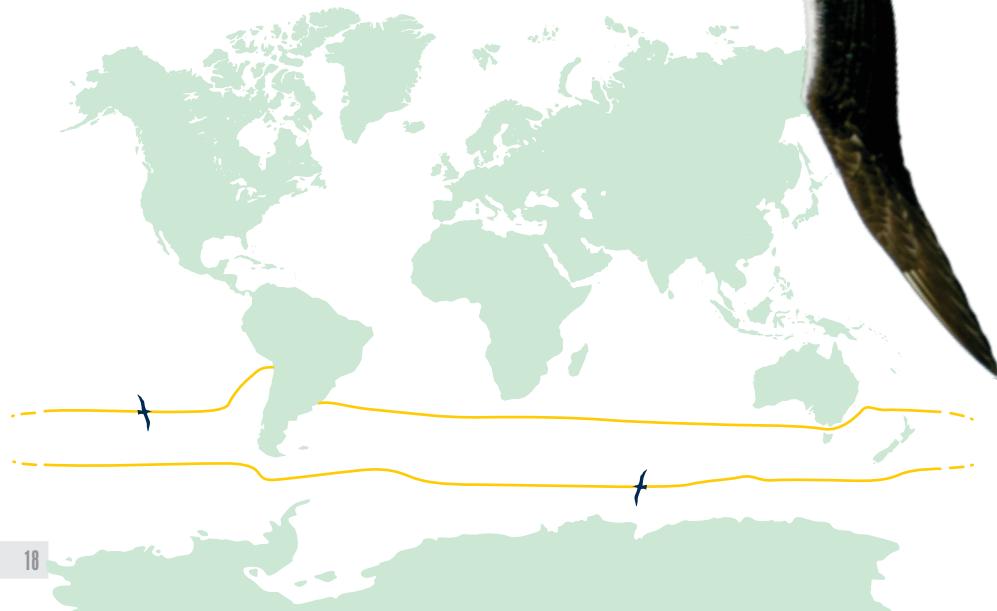
EX EW CR EN VU NT LC

VULNERÁVEL

TAMANHO Muito grande CORPO 115 - 122 cm ENVERGADURA 290 - 350 cm

Os albatrozes-reais (*D. epomophora*), apresentam a borda de ataque da asa branca. Quando jovens, o preenchimento do dorso das asas é de cor preta, e vai se tornando mais branco conforme a idade avança.

Mapa de distribuição



Diomedea sanfordi

Albatroz-real-do-norte

EX EW CR EN VU NT LC

EM PERIGO

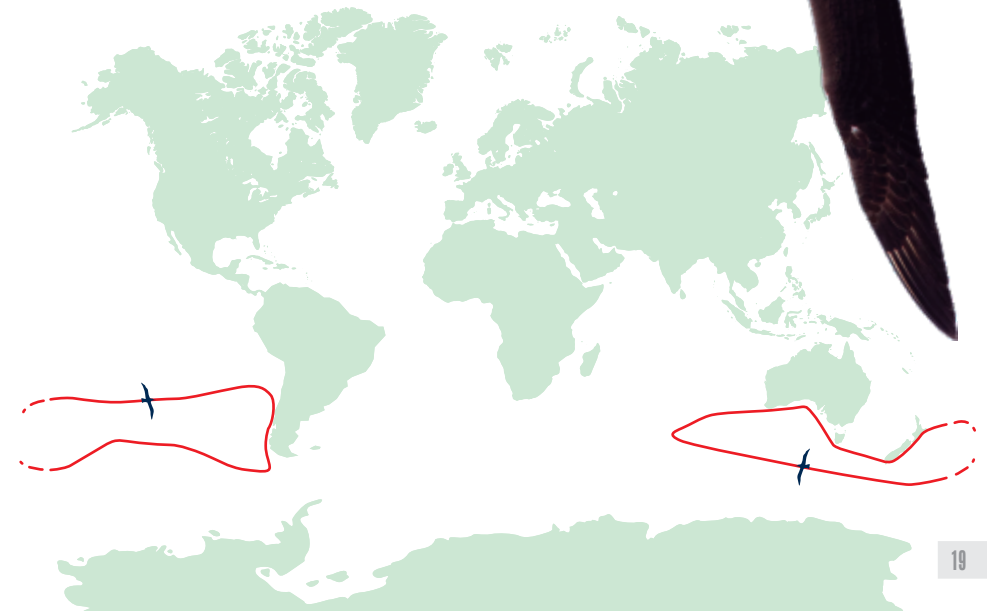
TAMANHO Muito grande CORPO 110 - 120 cm ENVERGADURA 290 - 340 cm

A principal característica que diferencia os albatrozes do complexo real do complexo errante é a presença de uma linha escura na parte cortante do bico.

Para diferenciar entre o albatroz-real e o albatroz-real-do-norte, note que o albatroz-real-do-norte (*D. sanfordi*) apresenta a coloração da parte superior e a borda de ataque da asa completamente preta, completamente preta, podendo surgir alguns pontos brancos durante o período de muda da plumagem.

Ambas as espécies se reproduzem durante o mês de novembro em ilhas na Nova Zelândia, e apresentam populações estimadas em 2.000 pares reprodutivos para albatroz-real-do-norte e 7.800 pares para albatroz-real (Howell & Zufelt, 2019).

Mapa de distribuição



Procellaria aequinoctialis

Pardela-preta



TAMANHO

Médio

CORPO

50 - 57 cm

ENVERGADURA

132 - 145 cm

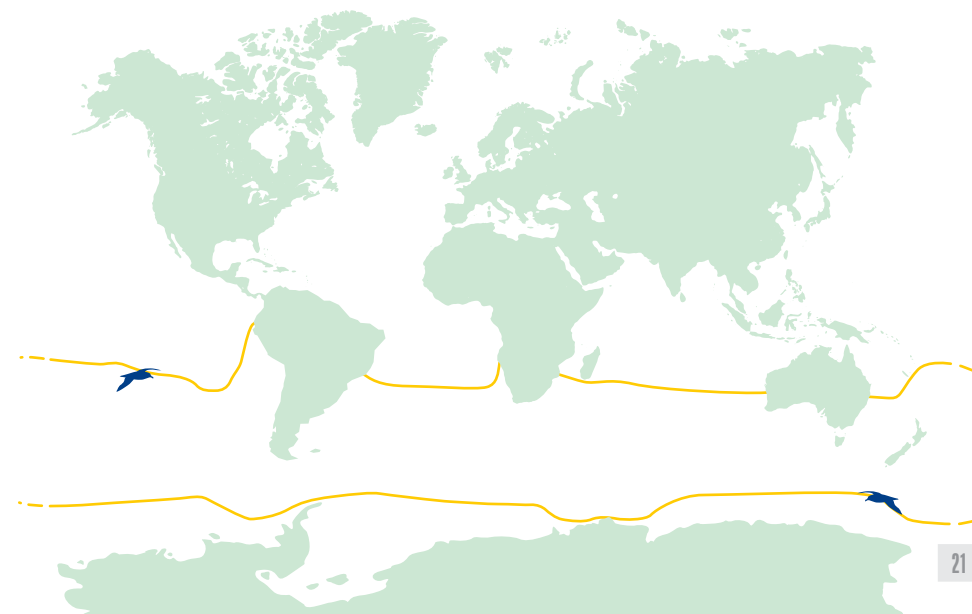
Ave com ampla distribuição nos oceanos austrais, reproduz entre novembro e abril em ilhas subantárticas, como as ilhas Geórgia do Sul e Malvinas/Falkland, além de ilhas na Nova Zelândia, África do Sul e ao sul do Oceano Índico. Sua população é estimada em cerca de 3 milhões de indivíduos adultos. Pode ser comum em regiões próximas à quebra da plataforma continental (talude) e com frequência é avistada associada à embarcações de pesca para se alimentar dos descartes.

Por vezes é registrada em bandos mistos com pardela-de-óculos (*Procellaria conspicillata*).

Possui plumagem marrom-escura a preta uniforme, bico amarelo claro com linhas pretas e pés totalmente pretos. Apresenta uma pequena mancha branca no queixo, que pode variar de tamanho conforme a população de origem do indivíduo, tornando-se pouco visível em alguns casos.



Mapa de distribuição



Procellaria conspicillata

Pardela-de-óculos

**TAMANHO**

Médio

CORPO

50 - 55 cm

ENVERGADURA

130 - 140 cm

A pardela-de-óculos é a espécie de procelariforme mais frequente o ano todo em águas brasileiras.

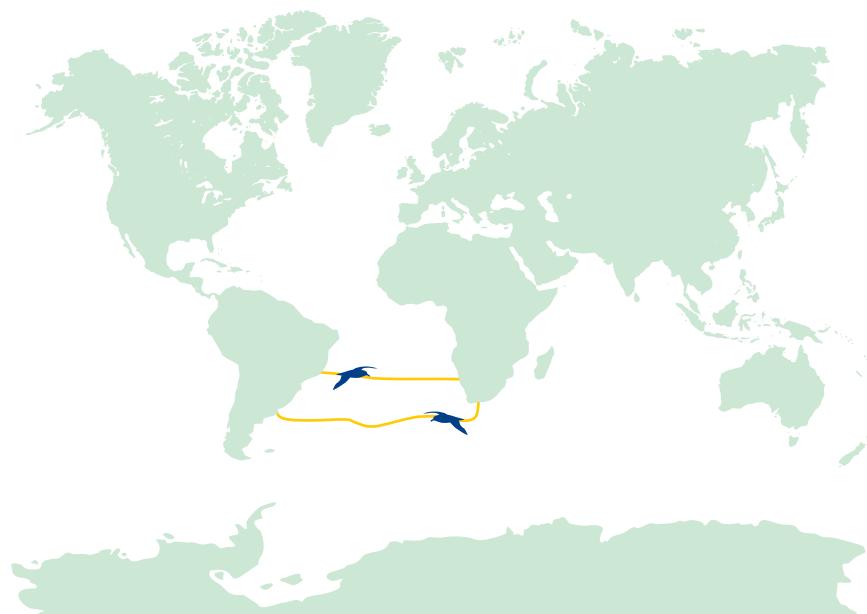
Comumente avistada seguindo barcos de pesca, para alimentar-se de descartes e iscas. Essa espécie se reproduz entre outubro e março em Tristão da Cunha e tem sua distribuição restrita ao sul do Oceano Atlântico. A estimativa populacional é de 34.000-50.000 pares reprodutivos (Ryan et al., 2019).

Caracteriza-se pela máscara facial branca com formato que lembra um “óculos”. Seu corpo é uniformemente preto, possui bico amarelo com tonalidade escura.

Alguns indivíduos apresentam a máscara branca reduzida, mas não o suficiente para confundir com a pardela-preta.



Mapa de distribuição



Puffinus puffinus

Bobo-pequeno

EX EW CR EN VU NT LC

POUCO PREOCUPANTE

TAMANHO

Pequeno

CORPO

31 - 35 cm

ENVERGADURA

75 - 84 cm

O bobo-pequeno se reproduz entre abril e outubro em ilhas do Atlântico Norte, com suas maiores colônias em ilhas do Reino Unido e na Irlanda. A estimativa populacional para as três principais colônias reprodutivas dessa ave é de 456.000 pares reprodutivos (Perrins et al. 2018).

Todos os anos, a espécie migra para o hemisfério sul durante o inverno boreal, quando pode ser avistado na costa brasileira, principalmente entre os meses de outubro a fevereiro. O ventre é quase todo branco, incluindo o uropígio. As costas escuras e a cabeça quase negra, com exceção da garganta e das faces abaixo dos olhos.

Nessa espécie, o bico é fino e preto e os pés são rosados, com membranas interdigitais cinza-azuladas.

Pode ser observado pescando ou descansando junto com outras pardelas, principalmente bobo-grande (*Ardena gravis*) e pardela-escura (*Ardena grisea*).

Curiosidade: por meio do anilhamento, os pesquisadores descobriram um bobo-pequeno com 50 anos e 11 meses de idade, mesmo sendo uma ave de pequeno porte, ainda assim pode ser longaeva.



Ventre branco

Uropígio branco

Mapa de distribuição



Ardenna gravis

Bobo-grande

EX EW CR EN VU NT LC

POUCO PREOCUPANTE

TAMANHO

Médio

CORPO

45 - 49 cm

ENVERGADURA

108 - 116 cm

O bobo-grande se reproduz entre novembro e maio no arquipélago de Tristão da Cunha, com poucos pares registrados nas ilhas Malvinas/Falkland, e uma população estimada de mais de 5 milhões de pares reprodutivos (*Birdlife Datazone*). Durante o período não-reprodutivo, migram para o Hemisfério Norte, passando pelo Canadá e chegando até a Groenlândia. Retornam pelo nordeste do Atlântico e, em novembro, chegam às ilhas para reproduzir novamente. Alguns indivíduos podem permanecer no Oceano Atlântico Sul, não realizando a migração.

Apresenta bico preto e dorso com coloração marrom-acinzentada, a cabeça é escura e o ventre branco com mancha escura no abdômen.

Apresenta um collar muito característico na região do pescoço, que a diferencia de outras pardelas similares. Em voo, pode ser diferenciada do bobo-pequeno pela coloração do uropígio, que é escuro em *Ardenna gravis*, além disso, apresenta faixa branca sobre a cauda e o ventre da asa apresenta manchas, não sendo tão branco quanto em *Puffinus puffinus*.



Mapa de distribuição



Ardenna grisea

Pardela-escura



QUASE AMEAÇADO

TAMANHO

Médio

CORPO

43 - 45 cm

ENVERGADURA

97 - 106 cm

Relativamente comum, a pardela-escura se reproduz entre novembro e abril na Nova Zelândia, Austrália, Chile e nas Ilhas Malvinas/Falkland.

Sua população global está estimada em cerca de 4 milhões de pares reprodutivos (Birdlife Datazone). Realiza migrações anuais para regiões norte do Atlântico e Pacífico, podendo ser avistadas durante todo o ano em águas brasileiras.

Se diferencia do bobo-pequeno e do bobo-grande principalmente por sua coloração, que é predominante marrom-escuro, que contrasta com o ventre das asas claro, conferindo um aspecto prateado. Possui bico e patas completamente pretas.

Pode ser confundida com a pardela-preta (*P. aequinoctialis*), porém, é menor, com bico mais fino e com as asas mais estreitas. A pardela-preta também não apresenta cores claras no ventre da asa como a pardela-escura.



Mapa de distribuição



Foto: JJ Harrison

*Pterodroma incerta*

Grazina-de-barriga-branca



EM PERIGO

TAMANHO

Médio

CORPO

43 - 46 cm

ENVERGADURA

105 - 112 cm

Espécie praticamente restrita ao Atlântico sul, se reproduz em Tristão da Cunha, nas ilhas Gough, entre junho e dezembro. Sua população é estimada em 860 mil pares reprodutivos (Birdlife Datazone).

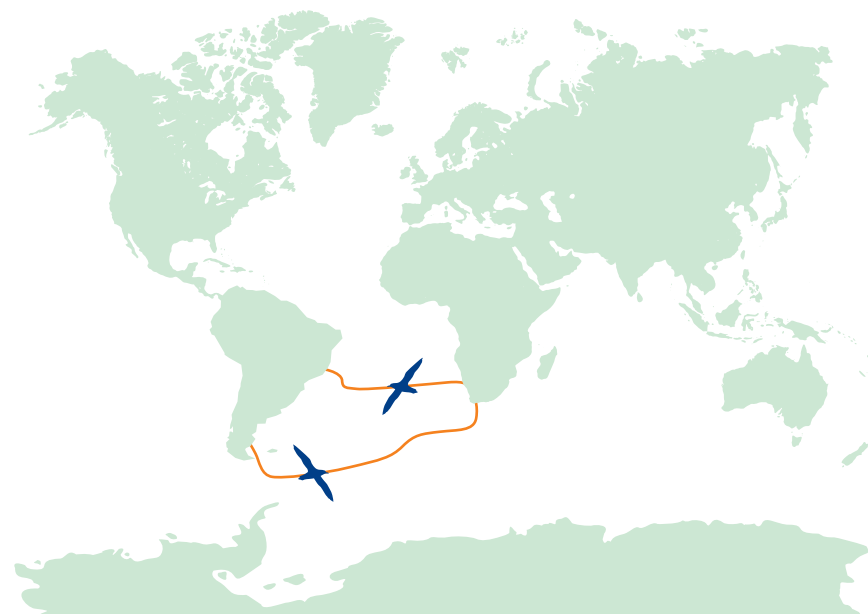
Pode ser avistada na costa brasileira durante todo o ano, fora da plataforma e próxima ao talude, principalmente nas regiões do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Rio de Janeiro.

Possui o dorso marrom claro com aspecto de queimado de sol, desbotado. A cabeça, pescoço, uropígio, cauda e asas são escuros, contrastando com o branco do abdômen.



O bico é preto e as patas amarelo-claro, com as pontas dos dedos e membranas interdigitais marrom-escuro, contudo essa característica é pouco detectável em alto mar.

Mapa de distribuição



Petréis gigantes

Os petréis gigantes são os maiores entre os petréis, com tamanho similar ao albatroz-de-sobrancelha-negra, porém mais pesados e robustos.

Macronectes giganteus

Petrel-gigante

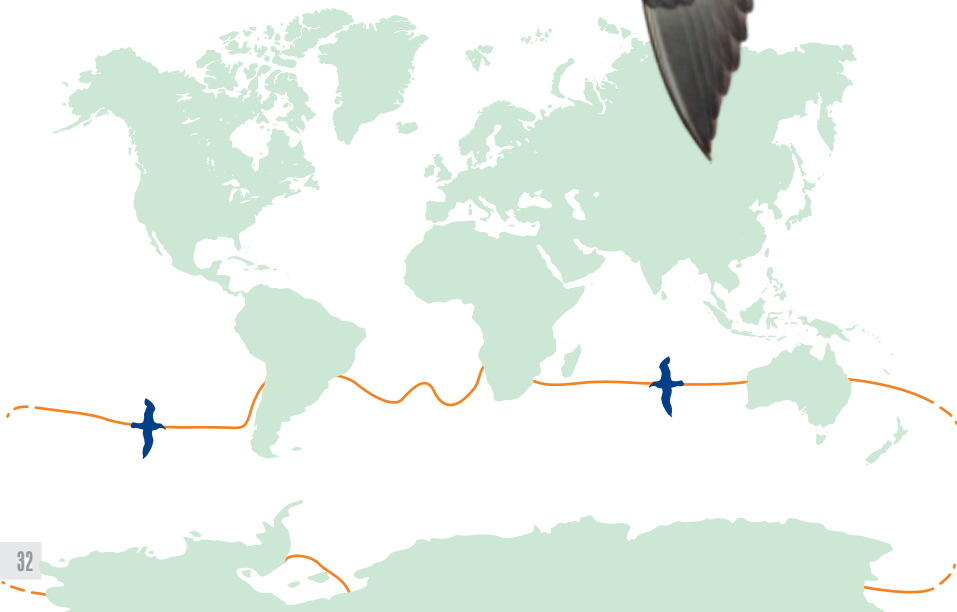
EX EW CR EN VU NT LC

POUCO PREOCUPANTE

TAMANHO Grande
CORPO 78 - 89 cm
ENVERGADURA 200 - 220 cm

O petrel-gigante é mais abundante no Atlântico Sul, enquanto o petrel-gigante-do-norte é mais abundante no Oceano Pacífico. No entanto, compartilham áreas reprodutivas, como as Geórgia do Sul, ilhas no Oceano Índico e Nova Zelândia.

Mapa de distribuição



Macronectes halli

Petrel-gigante-do-norte

EX EW CR EN VU NT LC

POUCO PREOCUPANTE

TAMANHO Grande
CORPO 78 - 89 cm
ENVERGADURA 200 - 220 cm

O petrel-gigante-do-norte possui cerca de 11.800 pares reprodutivos, já o petrel-gigante possui cerca de 50.000 pares (ACAP, 2010).

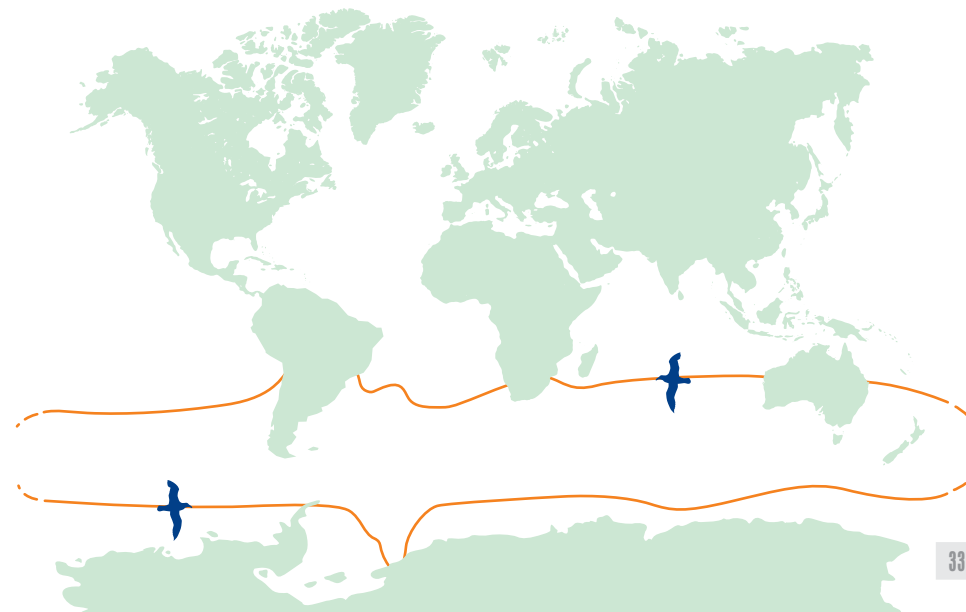
As duas espécies são muito semelhantes, apresentam bico amarelo e robusto, com grande narina tubular localizada acima do bico. Quando jovens, ambos possuem coloração marrom-escura em todo o corpo.

Com a idade, a plumagem das duas espécies vai se tornando cada vez mais clara, com aspecto "grisalho", e os olhos vão se tornando prateados.

A ponta do bico em petrel-gigante-do-norte (*M. halli*) é avermelhada, enquanto em petrel-gigante (*M. giganteus*) é esverdeada.



Mapa de distribuição



Oceanites oceanicus

Alma-de-mestre

EX EW CR EN VU NT LC

POUCO PREOCUPANTE

TAMANHO

Muito pequeno

CORPO

18,5 - 20 cm

ENVERGADURA

38 - 42 cm

É a ave com o maior tamanho populacional entre os albatrozes e petréis, com estimativa de mais de 8 milhões de pares reprodutivos (Birdlife Datazone). Essa espécie se reproduz entre dezembro e março no continente Antártico e em ilhas subantárticas do oceano Atlântico e Índico, após completar 3 anos de idade. Durante o outono/inverno, migra para regiões do Atlântico Norte. Pode ser observada na costa brasileira durante todo o ano, mas é mais frequente entre maio e outubro.

É o menor dos petréis do Brasil, semelhante a uma andorinha. Possui corpo e asas de coloração preta-amarronzada, exceto pelo uropígio branco. As pernas são longas e pretas, na mesma cor do bico, com membranas interdigitais amarelas.

Possuem comportamento muito específico de alimentação, batem com os pés na superfície da água, com objetivo de capturar plâncton ou pequenos peixes e crustáceos. Por isso, em algumas regiões do Brasil essa ave também é conhecida como “pé-quente” ou “lava-pés”.



Mapa de distribuição



Quais espécies se reproduzem no Brasil?



Quais espécies se reproduzem no Brasil?



Foto: Victória R. Benemann



Foto: Cecília Licanão

Pterodroma arminjoniana

Pardela-de-Trindade



VULNERÁVEL

TAMANHO

Médio

CORPO

36 - 39 cm

ENVERGADURA

94 - 102 cm

Essa espécie se reproduz exclusivamente no Brasil, fazendo seus ninhos no arquipélago de Trindade e Martim Vaz, localizado no Oceano Atlântico a aproximadamente 1.200 km do continente. Aparentemente, essa ave não interage com a pesca, mas enfrenta problemas em sua área de reprodução, tais como diminuição da cobertura vegetal e introdução de animais domésticos.

Pode chegar a um metro de envergadura e apresenta variação de cores de plumagem, com tons mais claros (raros) ou escuros (comuns). O bico é totalmente preto. A face é cinza, com pequenas manchas brancas. O dorso é cinza amarronzado e o ventre da asa também é acinzentado, com uma faixa branca de penas mescladas com cinza delineando o contorno da asa. O peito varia do branco, ao cinza claro e ao cinza escuro como visto na cabeça, cor homogênea por todo o corpo.

Puffinus lherminieri

Pardela-de-asa-larga



POUCO PRECUPANTE

TAMANHO

Médio

CORPO

30 - 33 cm

ENVERGADURA

65 - 74 cm

É uma das duas espécies que se reproduzem em território brasileiro, no arquipélago de Fernando de Noronha. É uma espécie classificada como “Pouco Preocupante” globalmente, mas “Criticamente Ameaçada” no Brasil. Essa diferença ocorre porque enquanto as ilhas brasileiras abrigam menos de 100 indivíduos em reprodução, a estimativa global ultrapassa 30 mil pares reprodutivos (Birdlife Datazone). Sua maior ameaça é a introdução de espécies invasoras

nas ilhas em que nidificam. O tamanho e a plumagem são similares ao bobo-pequeno (*Puffinus puffinus*). O dorso é preto e o ventre é branco até a garganta. O bico é acinzentado, longo e afilado, com a ponta mais escura que a base do bico. O tubo nasal também é num tom de cinza mais escuro que a mandíbula. O ventre da asa é escuro, com uma faixa central mais clara, mas ainda assim manchada pelas bordas escuras. As patas são rosadas.

Outras aves

Apesar de não pertencer ao grupo dos Procellariiformes, algumas outras aves marinhas podem ser avistadas nos mesmos ambientes dos albatrozes e petréis. Aqui apresentamos algumas dessas espécies comuns nas águas brasileiras.



Foto: Juliana V. Gaiotto



Foto: Juliana V. Gaiotto

Fregata magnificens

Fragata

Também chamadas de “tesourão”, as fragatas apresentam o rabo bifurcado e podem apresentar até 2 metros de envergadura. Os machos, quando adultos, apresentam um papo vermelho característico, enquanto as fêmeas apresentam a cabeça preta e o papo branco, e os jovens apresentam cabeça e papo brancos.

Sterna sp.

Trinta-réis

Os trinta-réis são um grupo bastante diverso, com características similares entre si. São facilmente avistadas em praias, estruturas costeiras e até mesmo fazendo poleiros em embarcações nas áreas em que ocorrem.



Sula leucogaster

Atobá-marrom

Os atobás são excelentes mergulhadores e podem apresentar envergaduras de até 1,5 m. São avistadas com frequência em praias brasileiras, mergulhando para se alimentar.



Sula dactylatra

Atobá-mascarado

Diferente do atobá-marrom, são aves oceânicas e, no Brasil, se reproduzem nos arquipélagos de Trindade e Martim Vaz, Fernando de Noronha, Abrolhos, e Atol das Rocas.



Larus dominicanus

Gaivotão

O gaivotão é uma das aves mais comuns do litoral brasileiro, e segundamente é confundido com albatrozes. Entretanto, elas ocorrem em áreas costeiras e até em centros urbanos, enquanto albatrozes e petréis ocorrem somente em alto mar.

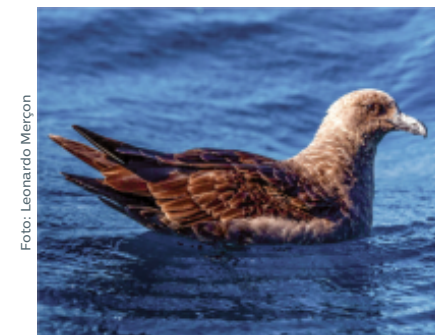


Foto: Leonardo Merçon

Stercorarius sp.

Gaivota-rapineira

As gaivotas rapineiras são um grupo irmão dos gaivotões, e também são conhecidas como skuas ou mandriões. Apresentam bico e plumagem escuras, hábitos pelágicos e podem ser observadas perseguindo embarcações, junto com albatrozes e petréis.

Checklist

Esta lista reúne as espécies de albatrozes e petréis apresentadas neste guia. Marque as aves que você já teve a oportunidade de avistar!

Albatrozes

- ☐ Albatroz-de-nariz-amarelo (*Thalassarche chlororhynchos*) EN
- ☐ Albatroz-de-sobrancelha-negra (*Thalassarche melanophris*) NT
- ☐ Albatroz-viageiro (*Diomedea exulans*) VU
Albatroz-de-tristão (*Diomedea dabbenena*) CR
- ☐ Albatroz-real-do-norte (*Diomedea sanfordi*) EN
- ☐ Albatroz-real-do-sul (*Diomedea epomophora*) VU

Petréis

- ☐ Pardela-preta (*Procellaria aequinoctialis*) VU
- ☐ Pardela-de-óculos (*Procellaria conspicillata*) VU
- ☐ Bobo-pequeno (*Puffinus puffinus*) LC
- ☐ Bobo-grande (*Ardenna gravis*) LC
- ☐ Grazina-de-barriga-branca (*Pterodroma incerta*) EN
- ☐ Petrel-gigante (*Macronectes giganteus*) LC
- ☐ Petrel-gigante-do-norte (*Macronectes halli*) LC
- ☐ Alma-de-mestre (*Oceanites oceanicus*) LC
- ☐ Pardela-de-trindade (*Pterodroma aminjoniana*) VU
- ☐ Pardela-de-asa-larga (*Puffinus lherminieri*) LC



CRITICAMENTE
AMEAÇADO



EM PERIGO



VULNERÁVEL



QUASE
AMEAÇADO



POUCO
PREOCUPANTE

Conheça outras espécies



Referências Bibliográficas

Agreement on the Conservation of Albatrosses and Petrels.

2010. ACAP Species assessment:
Southern Giant Petrel *Macronectes giganteus*.
Disponível em: www.acap.aq.
Acessado em outubro de 2025.

Agreement on the Conservation of Albatrosses and Petrels.

2010. ACAP Species assessments:
Northern Giant Petrel *Macronectes halli*.
Disponível em: www.acap.aq.
Acessado em outubro de 2025.

BirdLife Datazone

(2025). Disponível em: www.datazone.birdlife.org.
Acessado em outubro de 2025.

Howell S.N. & Zufelt K.

(2019). Oceanic birds of the world:
a photo guide. Princeton University Press.

Harrison P., Perrow M.R. & Larsson H.

(2021). Seabirds: the new identification guide.

Ryan P.G., Dilley B.J. & Ronconi R.A.

(2019) Population trends of Spectacled Petrels
Procellaria conspicillata and other seabirds
at Inaccessible Island.
Marine Ornithology 47: 257–265



Projeto
Albatroz
BRASIL

Patrocínio:



ACOMPANHE NOSSAS REDES SOCIAIS

